



JORGE
XAVIER

CULTURA - ESSA IGNORANTE

Como outras cidades do nosso jardim à beira-mar plantado, a Guarda também não passa sem os tradicionais cafés, restaurantes, tabernas, casas de pasto e as menos tradicionais «boites», discotecas, etc., etc., etc. Às centenas, claro está, se somarmos tudo.

Sem «atestar bem o depósito», de preferência com bastante frequência, não se pode trabalhar (ou mandriar, depende do estado de «saúde»). Aliás é já mais do que batida a resposta que se dava no manicómico: «Trabalhar?!!! Eu?... Ainda

não estou tão maluco como isso!»

E em duas casas, três oferecem a convidativa bica, o insuperável fino, o transparente bagaço (tudo acompanhado com uns petiscos e um salto para o ar de dança, onde as aparelhagens de som vomitam toda a desordem do momento).

Sentado numa mesa de café a tomar a bica estava a pensar nisto quando se aproxima um imberbe que pergunta timidamente:

— Onde se pode consumir um pouco de cultura?

Cultura?... As bocas abriram-se espantadas. Quem se atreveu a usar tamanho palavrão? Vá já lavar a língua, seu malcriado!

Realmente, é de mau tom falar de Cultura entre pessoas decentes. Ainda que fosse uma boa bebedeira... Agora Cultura!!!

Assim se multiplicam os estabelecimentos com pessoas bem educadas em que se pode beber o tal café e dançar o último tango, ou ainda emborcar copos de pseudo-bom vinho. Gente educadíssima, que sabe dizer

boa tarde, com licença e apresentar uma cara de quem até sabe algumas coisas de Eça de Queirós e, claro está, o preço da gasolina e a posição do Belenenses.

É então que aparece o tal ignorante a perguntar pelo consumo da Cultura; como o 25 de Abril: uma revolução. Mas para que queremos Cultura? Nós somos todos cultíssimos!

O ignorante cala-se, atemorizado, vai para casa e fecha a persiana, mandando às favas o bandido que lhe tinha aconselhado a Cultura essa ignorante.